

DIA MUNDIAL DE LUTA CONTRA A SIDA

# OMS apela à “não discriminação” e chama “todos” ao combate

A ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde (OMS) apelou ontem à “não discriminação” na luta contra a Sida e recordou que “todos contam” para combater a doença, no dia mundial dedicado a esta patologia.

“Todos contam se queremos alcançar uma cobertura universal de saúde, e todos devem contar se queremos eliminar a Sida e a hepatite, como principais ameaças à saúde pública”, disse o director-geral da OMS, o etíope Tedros Adhanom Ghebreyesu, em comunicado.

“Os serviços de saúde devem adaptar-se para atender às necessidades das populações mais expostas e afectadas, o que inclui uma política de tolerância zero para o estigma e a discriminação, em todos os serviços de saúde”, disse.

Na mesma declaração, Ghebreyesu questiona “como é possível que, depois de décadas de reconhecimento do papel fundamental das comunidades na condução das respostas ao HIV, homens que fazem sexo com homens, profissionais do sexo, pessoas transgénero,

toxicodependentes e reclusos, que representavam 40% das infecções em 2016, ainda encontrem obstáculos no acesso aos serviços de saúde mais básicos”.

Também as mulheres jovens, os adolescentes, os imigrantes e as pessoas deslocadas são particularmente vulneráveis, acrescentou.

O director da OMS reconheceu, contudo, que “um longo caminho foi percorrido nos últimos 30 anos”, já que “hoje em dia existem 21 milhões de pessoas a receber tratamento anti-retroviral contra a doença, que lhes permite viver uma vida plena e produtiva”.

## DIFERENÇAS ENTRE HOMENS E MULHERES

“Todos os dias há menos pessoas infectadas pelo HIV e também há menos mortes, mas esses sucessos escondem as muitas disparidades e desafios que permanecem”, alertou.

De acordo com o relatório “Blind Spot” publicado ontem pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Sida (ONUSIDA), menos

de 50 por cento dos homens seropositivos estão em tratamento, face aos 60 por cento de mulheres.

Além disso, os homens têm menos probabilidade de aceder ao tratamento contra o HIV e têm um maior risco de morrer por doenças relacionadas com a Sida, uma vez que representaram 58 por cento do milhão de mortes associadas à doença em 2016.

Em todo o mundo, 36,7 milhões de pessoas vivem com HIV, dos quais 20,9 milhões tiveram acesso à terapia anti-retroviral em meados de 2017, quatro vezes mais do que em 2000 e 1,2 mais do que em 2015.

Os estudos também revelam que os homens são mais propensos do que as mulheres a iniciar o tratamento tardiamente, a interromper-no e a estarem inacessíveis na altura de fazer o acompanhamento terapêutico.

“A resposta ao HIV desempenhou um papel fundamental na transformação da saúde pública e, por sua vez, influenciou a agenda universal de cobertura de saúde”, concluiu o director-geral da OMS. — LUSA

